

CORPO-INVERTIDO - A INDIGÊNCIA COMO *PARRHESÍA* EM DIOGENES DE SINOPE

José Londe da Silva¹
Wellington Amâncio da Silva²

RESUMO: Este ensaio trata do corpo invertido do cínico, em específico, Diógenes de Sinope. A partir deste corpo, aludimos à *parrhesía*. Apresentamos e discutimos, com certa brevidade, o contexto em que se deu a evolução de alguns termos relativamente à indigência, à inversão do corpo, à coragem da verdade (muito mais como um “não-discurso”, isto é, estampada no próprio corpo, em sua nudez e sua *phýsis*).

Palavras-Chave: Corpo-invertido; Diógenes de Sinope; Cinismo; *Parrhesía*.

ABSTRACT: This essay deals with the Inverted-cynical-body, in particular, Diogenes of the Sinope. From this body, we referred to *parrhesia*. Present and discuss with some brevity, the context in which they gave the evolution of some terms regarding the indigence, the reversal of the body, to the courage of the truth (much like a “non-discourse” that is stamped on himself in his nakedness and his *phýsis*).

Keywords: Body-inverted; Diogenes of Sinope; Cynicism; *Parrhesia*.

INTRODUÇÃO

No mundo antigo, mais especificamente, no período helenístico e romano surge um tipo de mendigo ou uma mendicância de viés filosófico: os Cínicos. O saber sobre esse “movimento”, ou essa opção de vida distinguia-se de outras formas de mendicância, devido ao caráter filosófico. Os Cínicos eram errantes, não tinham pátria, não possuíam família, casa, não desejavam o poder, muito pelo contrario, desdenhavam os que valorizavam tais coisas; sua vida era marcada pela simplicidade, parcimônia, pelo desapego a tudo; andavam com uma túnica velha, uma mochila e um cajado. O corpo do Cínico era um discurso poderoso no campo da crítica ao poder (DA SILVA, SILVA, 2015c). Para os cínicos se o corpo precisa das necessidades primárias para sobreviver, tais como comer, beber livremente ante aos olhos de todos, já que tais necessidades são inerente ao corpo, não havia nenhum problema em se masturbar abertamente, e assim deveria ser consumada

¹ É Licenciado em História pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL; especialista em Ensino de Filosofia e membro do Grupo de Estudo Nietzsche para Indigentes. londe.ufal@gmail.com

² É Mestre em Ecologia Humana pela Universidade Estadual da Bahia – UNEB/Campus VIII; Pedagogo, Especialista em Ensino de Filosofia e membro do Grupo de Pesquisa Nietzsche para Indigentes. É vinculado ao Grupo de Pesquisa “Ecologia Humana” – UNEB/CNPq. Núcleo de Estudos em Comunidades e Povos Tradicionais e Ações Socioambientais (NECTAS) UNEB/CNPq; membro do Grupo de Estudo Nietzsche para Indigentes. welliamancio@hotmail.com

quando o corpo desejasse, sem nenhum pudor, pois sobretudo o cínico considerava-se um corpo livre.

O CORPO-INVERTIDO DO CÍNICO

Ser cínico implicava uma renúncia total a todas as convenções sociais, quebrando todos os paradigmas e possibilidades de se viver na cidade (DA SILVA, 2015b). De fato o cínico estava em sintonia apenas com a natureza, sob a qual ele se submetia, deliberadamente em *Amor fati*³. Sua disposição para a completa negação de privilégios, sua ironia quanto aos que almejavam o poder se manifestava em seu comportamento despojado, em seus aforismos de cunho crítico, na exposição de seu corpo desconvecionalizado, na forma como se “vestia”, andava, dormia, comia, mas, sobretudo, no método de não se permitir se achar ridículo, de se exercitar para pedir esmola sabendo das prováveis recusas, de preferir sempre o que pode ser pago por outro, de mostrar que a vida não é ruim, mas o modo como se vive:

Quando lhe disseram que estavam todos rindo dele, Diógenes respondeu: “Sim, mas não conseguiram me tornar ridículo.” Quando lhe perguntaram porque ele mendigava a uma estátua, respondeu: “para adquirir prática em receber recursos.” Quando disseram que a vida é ruim, respondeu: “Não a vida em si, mas sim o mundo como você o vive” (BURTON, 1994, p.114).

Burton, assim descreve o método cínico:

[...] a loucura dos cínicos tinha método. De fato os principais cínicos eram vistos como filósofos, e o cinismo era frequentemente arrolado entre as escolas de filosofia grega. Os estóicos às vezes apontavam os cínicos como seus precursores a fim de reportar sua própria escola até Sócrates. Todos sabiam, no entanto, que os cínicos nunca organizaram uma escola de acordo com a grande tradição e tampouco se impressionavam com sistemas conceituais abstratos, que explicasse um universo ordenado. Estavam muito mais interessados na questão da virtude (*ἀρετή*) ou de como um indivíduo deveria viver dado o fracasso dos sistemas políticos e seriais, vigentes em sustentar que eles chamavam de estilo de vida natural [...] Uma pessoa não podia permitir que as outras determinassem seu valor na escala social (BURTON, 1994, p.116).

³ É uma expressão latina que significa "amor ao destino", "amor ao fado". No estoicismo e em Nietzsche, significa aceitação integral da vida e do destino humano mesmo em seus aspectos mais cruéis e dolorosos - aceitação que só um espírito superior é capaz de realizar. É a não relutância diante do incontornável. É uma coragem ontológica e profunda compreensão da natureza da existência.

Assim, o cínico desdenhava de todas as críticas feitas ao seu jeito de ser, ao seu comportamento, não permitindo se contaminar com as ideias que classificavam, determinavam, enquadravam os homens em um campo social. A crítica era rebatida por outra com uma poderosa ironia. De modo que o comportamento Cínico perturbava a ordem. No entanto, a *ἀρετή* (virtude), como a temperança, a coragem, a sabedoria que sempre acompanhavam à vida quando esta as manifestava, é bem sabido, não é a vida em si que as revela, mas o modo de vida implicado:

[...] Temos aí a emergência desse problema do dizer-a-verdade em sua relação com a própria vida de quem fala, já que a relação entre o dizer-a-verdade e o modo de vida dos cínicos se insere, de certo modo, no marco geral dessa homofonia entre o dizer e o viver que era designado no Lauques. Mas, dentro desse marco, a relação entre dizer-a-verdade e maneira de viver é, nos cínicos a meu ver bem complicada e mais preciso. Primeiro pelo motivo de que, no cinismo, não é simplesmente a vida que mostra e manifesta algumas virtudes, que Sócrates aliás testemunhara a seu próprio favor, como a temperança, a coragem, a sabedoria. O modo de vida que é implicado, suposto, que serve de marco, de suporte, de justificação também para a *parrhesía*, se caracteriza por reformas estremamente precisas e codificadas de comportamento, formas estritamente reconhecíveis [...] O cínico é o homem do cajado, é o homem da mochila, é o homem do monte, é o homem das sandálias ou dos pés descalço é o homem de barba hirsuta, é o homem sujo. É também o homem errante, é o homem que não tem nenhuma inserção, não tem nem casa nem família nem lar nem pátria - lembrem-se do texto que citei -, é o homem da mendicidade também [...] (FOUCAULT, 2011, p.148).

O mundo antigo conheceu, portanto uma forma de mendicância crítica em que o comportamento era um contra discurso e uma negação das leis, da ordem, não pelo reconhecimento delas e sua transgressão, mas, ao contrário, porque não havia nada o que transgredir, de modo que esse alheamento proposital sobre as leis se caracterizava por uma bifurcação bem clara no campo do não reconhecimento. Ao mesmo tempo em que as leis não eram reconhecidas, não tinham nenhuma importância para o homem cínico, ou seja, ele não as praticava; na medida em que ele as negava, sem dúvida, aí, havia deliberadamente uma transgressão contra à ordem de uma sociedade da violência (DA SILVA; DA SILVA, 2014b). Mas a transgressão não passava da cosmovisão da *pólis*, o que para o cínico era uma ilusão das mais irrisórias. A crítica cínica era ácida, feroz e agressiva, o seu discurso era seu comportamento, sua aversão aos interesses da *pólis*, ao poder, a riqueza, ao reconhecimento; sua andrajosidade, seu desprezo pela vida pomposa e

confortável era um ataque mordaz e agressivo. O princípio cínico consistia em *desequilíbrio*: em perturbar a normalidade da existência situada (DA SILVA, 2014a). Foucault em seu livro *a Hermenêutica do Sujeito*, apontando o enlevo feito ao personagem Eufrates por Plínio descreve como este trata-o diferentemente de forma exaltada:

[...] Em terceiro lugar, porque não maltrata, porque acolhe generosamente, liberalmente, todos os que a ele se apresentam, sem os abater, ele não tem mais aquele papel um pouco agressivo como tinha Epicteto, como *a fortiori* tinham os cínicos, cuja função consistia em desequilibrar, de certo modo, em perturbar o indivíduo enquanto o seu modo de existência, puxando-o, impelindo-o, força-lo a adotar um outro modo de existência [...] (FOUCAULT, 2010, p.139).

Como é notado, os cínicos tinham uma função – a desestabilização do indivíduo com sua existência descomunalmente pejada dos “valores da *polis*” (DA SILVA; SILVA, 2015C). A sua perturbação levava a exibição de uma outra existência que para eles não restava dúvida, era a vida de um cão. Os cínicos denominavam o convencionalismo de sofisticado. E demonstravam através de seu comportamento, uma vivência natural e simples que se caracterizava pelo despojamento de tudo, pela negação do convencional do *nómos* (leis). Assim, o cinismo era, em sua prática, um ataque aos valores convencionalizados, aos que se auto-reclamavam cidadãos; era sobretudo, um choque que desconjunturava as normas. Um comportamento que escandalizava a *pólis*.

Assim, o cinismo não só depreciava uma vida complexa, pautada sobre regras e valores a serem cumpridos pela *pólis*, como também montou uma poderosa arma de guerra para a dinamitização de tais formalizações de padrões axiológicos os quais não passavam de perda de tempo, porquanto à vida perdia o seu sentido – a simplicidade, convertendo-se por assim dizer, numa espécie de aprisionamento do corpo, já que as regras impostas cerceavam, emasculavam o prazer, a vontade de se realizar a partir dos órgãos em sua explosão fisiológica. De modo que, para o cínico, especificamente, Diógenes de Sinope, o grande representante do cinismo depois de Antístenes, a simplicidade da vida consistia em não se preocupar com as convenções sociais, pois, elas não serviam para outra coisa a não ser para controlar o corpo com suas pulsões, delimitando o que se podia fazer, como devia fazer e onde se poderia efetuar.

Assim, tais convenções instauradas como padrões absolutos tinham uma funcionalidade específica e poderosa – esconder o animal que é o homem, incestuoso, canibal, pronto sempre para satisfazer os seus prazeres, como cagar, mijar, se masturbar

publicamente, peidar⁴ onde for necessário, e onde quer que esteja sem pudor algum, para manipular ostensivamente seu falo, para o momento mais enlevado da vida. Tudo isso era feito abertamente dentro da *pólis*. Na obra, os cínicos, há uma passagem que ilustra claramente o comportamento de Diógenes:

A figura de Diógenes era urbana e seus atos eram públicos. O comportamento de Diógenes só era digno de nota porque ocorria onde pudesse ser observado. Dion Crisostono comenta que as cidades eram o lar de Diógenes e os prédios públicos eram as suas moradias. Diógenes usava qualquer lugar para qualquer propósito, para comer, dormir ou conversar. Ele não se prendia a distinções convencionais entre espaço público e privado e as atividades atribuídas a cada um. Assim, Diógenes realizava ações inevitáveis, como soltar flatos, urinar, ejacular e defecar, normalmente feitas na privacidade do lar, à plena vista. Em filosofia à venda! de Suciano, o único sobre o pedestal do leilão diz: “Faz à vista de todos o que você não faria nem em particular. “Fá-lo atrevidamente e escolho os atos sexuais mais ridículos.” Diógenes Laércio explica: “Era hábito (de Diogénes) fazer tudo em público, tanto as obras de Deméter como as de Afrodite”. De acordo com Dion, Diógenes dava uma demonstração pública para mostrar a tolice daqueles que gastavam dinheiro para ser esfregados “quando precisavam ejetar esperma. [...] (KRUEGER, 2007, p.250).

Assim era o cínico, um corpo vivo, funcionando de acordo com suas necessidades fisiológicas, sem prejudicar ninguém, muito pelo contrário, o corpo cínico era um corpo despudorado, desconvencionalizado, perturbador e crítico. O corpo invertido coloca em pânico os corpos domesticados, disciplinados, obedientes, já que a inversão dentro de uma ordem é o próprio caos que vai aos poucos causando um desconforto nos corpos arrebanhados. A inversão do corpo se traduz pela sua posição de corpo não-obediente, não-produtivo, não-disciplinado; de corpo rebelde, transgressor, intransigente que não se permite se perfilar, se desmaginalizar, inserir-se no contexto da normalidade; o corpo, de fato, jamais será livre, haja vista sua profunda dependência do mundo físico que o circula, mas, sobretudo, não terá nunca liberdade, no que tange sua própria constitutividade físico-orgânica, pois suas necessidades primárias fisiológicas como dormir, defecar, mijar,

⁴ Peidar talvez seja um dos gestos mais obscenos expressados por Diógenes, num contexto justamente filosófico, onde o *Λόγος*, a Palavra Racional, era o diferencial de humanidade em face do outro diferente, dos outros povos, e a medida de humanidade possível. *Peidar* é, pois, enunciar balbucios monossilábicos não pela boca, órgão nobre da enunciação racionalizativa e do discurso que institui formas possíveis de humanidade, mais pelo ânus (orifício monossilábico), escoadouro dos dejetos imprestáveis de onde Diógenes enfaticamente discursava algum Saber ainda não compreendido ou aceito. Portanto, Peidar (com P maiúsculo) é uma forma enunciativa discursiva invertida que visa anular, desconsiderar e subestimar – com propriedade –, as formas de instituição de normalidade e organicidade da condição humana sob a sociedade.

comer, beber, masturba-se que constituem sua própria vida. No entanto, ele pode ser corpo rebelde, transgressor, infrator se ele não negar suas pulsações, seus instintos, seus desejos ante ao convencionalismo medíocre, hilariante e hipócrita da ordem fundada pelo idiotismo do que se convencionou chamar de civilização e moral.

Tal corpo é visto como degenerado, incomum, desavergonhado, imoral, indecente, doente e, sobretudo, é um corpo energumizado, pérfido, porquanto não pertence à ordem do que é fixado, padronizado e, por assim dizer, não é um corpo perfilhado pela moral que se impõe como sendo a senda pela qual se pode alcançar os céus num enlevo desesperadamente fantasmagórico; não se trata então de um corpo *etéreo*, substancializado, essencializado por potestades angélicas, mas um corpo telúrico, marcado por um forte odor de sexualidade e prazer, assim, é terrático, humano, degenerativo, finito, trágico e que tem como ápice de sua existência ou conclusão da vida, ou seja, a sua plenitude, a inexistência – a morte.

O corpo do cínico era invertido pelo simples fato de não ser convencional, de estar em sintonia constante com ele mesmo, pelo contato direto com a natureza, pelo desapego nos negócios, o que era uma preocupação para os idiotas, pois estes viviam obstinadamente buscando manter seus interesses pessoais. Era invertido, porque ao contrário do político e do idiota que estavam sempre preocupados com a *pólis* e seus próprios interesses, o cínico compreendia a vida com extrema simplicidade sem riquezas, pátria, família, casa, poder, negócios; a vida para o cínico era a vida de um cão que dorme onde quer, bebe o que quer, come o que lhe der, peida onde estiver, evacua em qualquer lugar, masturba-se também indiferentemente às convenções determinada a um ou outro lugar. O cínico despreza o convencionalismo. Ele é inconveniente para *pólis* e para os idiotas. Assim, o despudoramento do cínico é materializado com vivacidade, com clareza, na figura de Diógenes cujo corpo era invertido, mostrando, assim, a inversão da ordem social:

Muitos dos atos de despudor de Diógenes centravam a atenção em substâncias que entram e saem regularmente do corpo humano: comida, saliva, gases, urina, sêmen e fezes. A própria centralidade das funções e dos fluidos corporais na literatura cínica atesta as preocupações gerais greco – romanas com os limites do corpo (e delas deriva), preocupação que é refletida na regulação cuidadosa dos atos de comer, cuspir, emitir gases, urinar, masturbar-se (e outros atos sexuais) e defecar. A preocupação da sociedade romana com os orifícios corporais e fluidos (líquidos e gases) que podem entrar ou sair por eles demonstra a relação que Mary Douglas

observou, qual seja, que “o corpo humano nunca é visto como um corpo sem ao mesmo tempo ser tratado como uma imagem da sociedade. As atitudes com referências ao controle corporal correspondem a atitudes quanto ao controle social. Essas substâncias chamam a atenção porque elas desafiam a distinção entre o interior e o exterior do corpo e podem, portanto, ser vistas como poluidoras e perigosas. Diógenes rejeitava ativamente as convenções prescritas para essas funções naturais. Ao rejeitar o controle corporal, o Diógenes das histórias rejeitava o controle social. [...] (KRUEGER, 2007, p. 260)

O cínico Diógenes, não hesitava na sua demonstração das potencialidades orgânicas que para ele eram tão naturais quanto o sol que o iluminava de modo que as convenções estabelecidas, determinadas no que dizia respeito ao controle do corpo, o ponderamento para as satisfações físico-químicas como as restrições circunscricionais para defecar, urinar, peidar, acariciar o pênis tornando-o teso, duro, as relações sexuais, a exibição do corpo nu inflamado por desejos, prazer sexual que levava o cínico ao um enlevo priápico, eram incisivamente rejeitados, já que não permitiam a autonomia do corpo e suas funções naturais ocorrerem livremente.

Diógenes desobedecia a todo instante em qualquer lugar tais proibições, porquanto acreditava que as regras convencionais estavam invertendo a natureza, daí, o corpo como a inversão da inversão. O corpo invertido, em sua ambiguidade fundamental, consistia numa crítica ácida do controle dele, o que levava ao domínio também no campo social. Pois, assim como já fora dito acima, as decisões atinentes ao corpo ou ao seu controle, correspondiam por um outro lado ao controle social. Diógenes, como mendigo, despatriado, sem-teto, sem-família, despossuído de bens materiais; o homem dos pés descalços, sem chão, sem trabalho, sem negócios, sem poder; ironizando constantemente a tudo isto com seus discursos e práticas anticonvencionais, tinha como discurso ambulante o seu próprio corpo. A inversão do corpo corresponde à inversão da sociedade.

O corpo invertido é de um heterotopismo esmagador. Uma explosão, por assim dizer; uma demolição de valores ridículos, assim entendido por ele. Em suma, o único modelo estava corporalmente integrado a essa crítica física do corpo que implicava em um despudoramento aberto caracterizado pelo despreendimento absoluto das formas codificadas e decodificadas de valores sobre o corpo em que sob as quais ele perdia sua identidade, sua autonomia, confundindo-se desse modo com a própria sociedade, como se o elemento societário fosse sua auto-imagem, o que fazia supor que o corpo deveria

atender as regras impostas pela *pólis*, pela sociedade, já que corpo e sociedade eram vistos como indissociáveis. Desta ordenação, Diógenes se impôs livremente:

O comportamento de acordo com a natureza era, para Diógenes, uma forma de ação simbólica que fazia uso do corpo humano como instrumento de expressão. As histórias sobre Diógenes eram revelações do estado natural. Um exame mais atento das coisas que os heróis cínicos faziam com seu corpo nos relatos tradicionais permite-nos situar o despudor cínico dentro do contexto mais amplo das *askésis* cínica. Afirmava-se que os cínicos defendiam a nudez, uma vez que os humanos não precisam dos confortos que os separam dos animais. Fazer o corpo passar por provações era parte integrante do comportamento de Diógenes. Ele abraça estátuas cobertas de neve, anda descalço pela neve e consome a comida e a água mais simples. (KRUEGER, 2007, p. 258).

Portanto, o cinismo foi um movimento marcado por um corpo ao avesso, por um comportamento invertido como símbolo e crítica a uma sociedade invertida. O corpo cínico era um corpo heterotópico. Mas é preciso dizer que o corpo cínico é também um corpo não-sujeitado, ou melhor, o cínico é literalmente um não-sujeito, por que não se permitia em momento algum se submeter, se capitular pelas normas estabelecidas, pelas regras compulsórias de uma moral medíocre que nega o corpo na sua natureza. O despudor e a não-sujeição é tom marcante do comportamento cínico; o corpo andrajoso, desfigurado que tanto caracterizou o homem cínico e não deixava dúvidas quanto ao seu propósito irônico, crítico de fazer com que a *pólis* entrasse em profunda perturbação; o cínico é incomum, inoportuno, inconveniente, irritante, indesejável, seu modo de vida provoca uma verdadeira crise, um caos na ordem vigente.

A liberalidade cínica em se exhibir publicamente com seus discursos e aforismos, como também pela normalidade que era por ele tratada as funções orgânicas, mostra que o cínico não podia ser compreendido sem que se entendesse que toda sua vida tinha como ponto fundamental e principal uma crença inabalável numa vigência simplória e natural. O cínico era um corpo dissocializado, agressivo, tumultuador, provocante; um corpo inversivo, um não-sujeito. A condição propositiva de não-sujeito estava arraigada na escolha de um modo de vida irrestritamente natural, ou seja, o cínico não se deixada emaranhar nas teias do idiotismo do convencionalismo que ao invés de mantê-lo cada vez mais perto e integrado ao ambiente natural, pouco a pouco ia alienando-o ou afastando-o de seu naturalismo, se caso ele desse evasão as convenções normalistas. Assim, o cínico, o não-sujeito, não se agachava ante ao poder, à glória, à riqueza, à necessidade de ter família,

casa – um teto para morar, enfim, não se permitia se sujeitar as condições impostas pelas normas, porque o enquadrariam dentro de um sistema que não só era tido como inócuo, mas, sobretudo, em tal condição, domesticaria o seu corpo.

O cínico, portanto, era um corpo indomável, intransigente, desconvenionalizado, sem pudor, sem compromisso com as preocupações dos cidadãos das cidades – Estados, da *pólis*, dos negócios ou interesses lucrativos pessoais inerentes aos idiotas. O corpo cínico, nesse sentido, era um corpo invertido como crítica a inversão da sociedade, era um corpo não-sujeito, porquanto não se sujeitava ao que para ele era ridiculamente chamado de normalidade. O cínico, ridicularizava, desdenhava a normalidade, porque para ele o *nómos* tinha uma função: o encadeamento do corpo e limitação de suas funções orgânicas. Assim, o modo cínico de viver consistia no escárnio constante a ele, mas também no desprezo a este escárnio. Mesmo assim, o saber instituído, vertiginosamente, a todo instante, classificava o cínico às vezes como virtuoso, o exemplo a ser imitado era o seu comportamento, porquanto se pontuava pela fugacidade, pelo contentamento com o pouco ou nada, de modo que, o viver cínico era admirado, nesse aspecto, por muitos que faziam parte da igreja, pois, para tais, especificamente os bispos, ou seja, as autoridades eclesiásticas, havia no comportamento cínico uma semelhança simétrica com a prática do camponês da Galiléia, Os pagãos, por sua vez, também viam na mendicância do cínico uma virtude admirável:

Ao longo do período do Império Romano as reações à figura de Diógenes foram ambíguas. Pagãos e cristãos louvavam Deógenes por sua vida de pobreza voluntária e condenavam-no por obscenidade. Oriógenes apontou para Diógenes para defender a pobreza de Jesus, e João Crisóstomo fez uso da difundida apreciação da vida simples de Diógenes para justificar o monasticismo cristão. No segundo quarto do século V, Teodoreto de Cirro elogiou Diógenes por sua renúncia às riquezas, mas condenou-o como “escravo do prazer”, que vivia “lascivamente, sem moderação”, dando um mau exemplo para os outros. O julgamento de Teodoreto não era novidade, nem era de motivação particularmente cristã. Séculos antes, Cícero havia atacado os cínicos por serem uma ameaça às convenções de adequação e acusara-os de confundir modéstia e despudor; ele escreveu: “Toda filosofia (*ratio*) dos cínicos deve ser rejeitado, pois ela é uma inimiga da modéstia”. Essa crítica foi também ecoada por Agostinho. Em discussões da vida moral, Diógenes era uma figura bivalente, que servia alternativamente como exemplo positivo e negativo [...] (KRUEGER, 2007, p.248).

Como é visto, a igreja como instituição, constrói seu próprio arcabouço de saber sobre o cínico; ela determina em seus discursos o que é o cínico, um virtuoso por sua

mendicância, desapego a títulos e honras, mas demoniza-o por aquilo que ela entende como um mal a ser esconjurado, ou seja, para a Igreja, o cínico era uma *Hydra*, um monstro de sete cabeças em que os cristãos deveriam tomar bastante cuidado para que não fossem engolidos por suas ideias. Não era diferente esse discurso promovido pelos pagãos. O cínico é a loucura ambulante, e seu corpo um hospício para “o outro da normalidade”. O que fascinava no cínico era o seu total desprezo pelo que pensavam e diziam, de modo que ele sempre estava a posto para qualquer eventualidade em que alguns de seus oponentes pudessem tentar uma diatribe contra seu comportamento, seu modo de vida que não parava de causar descontentamento, em suma, era um desconforto inegável.

A ironia era sua arma fulminante e o não deixar-se contaminar com a desaprovação dos cidadãos da *pólis* que como já fora dito o viam como louco, por conta da sua escolha deliberada pela posição tomada sem nenhuma hesitação, quanto a ao fato de estar em contato direto com a natureza, sua decisão em repudiar o poder, as honrarias, a fama, característica de um grande guerreiro, o status de nobre, as participações nas discussões dos problemas da *pólis*, com sua segurança, a organização da educação da produção de alimentos, a efetivação de um exercito, dos jogos olímpicos, enfim, da vida orgânica em plenitude, constituía-se num ataque feroz ao que era acreditado como o modelo a ser seguido e, desse modo, quem o desaprovasse, renegando-o, não poderia de modo algum ser reconhecido como cidadão, o que faria do indivíduo um despatriado.

Isso a grosso modo, significava a própria morte, porquanto o homem sem pátria, para a mentalidade da época, era um homem morto. O cínico se considerava vivo sem precisar está inserido dentro desses padrões, os quais ele ironizava, desdenhava, tripudiava. Para o cínico, o cumprimento do exercício de cidadão era uma verdadeira tolice, uma inversão da própria vida que deveria ser simples e, sobretudo, para ser bem mais preciso, um apresamento do corpo, porque o limitava a todo instante. Ante a seu comportamento inversivo, ao avesso, havia como sempre os seus algozes que espantados ou confusos ao ver todo aquele despojamento, tentavam de alguma maneira desaprová-lo. No entanto, o cínico era bem incisivo na sua resposta, marcada a todo momento por um ato irônico fisiologicamente demonstrável ou por seus aforismos ácidos:

[...] quando se masturbava no mercado, Diógenes disse: Se ao menos fosse possível conseguir o mesmo efeito esfregando um estômago vazio!” História sobre Diógenes masturbando-se em público são encontradas num discurso de Dio Crisóstomo, composto perto da virada do século III, e em epístolas

pseudopigráficas de Diógenes geradas em algum momento antes do final do século II d.C. A coleção de Laércio inclui uma história em que Diógenes urina em alguém, à maneira de um cão. Tanto Dio Crisóstomo como o imperador Juliano relatam que Diógenes defecava em público. Diz-se que ele cuspiu nas pessoas também: “alguém o levou a uma casa luxuosa e o advertiu para que não cuspiu, ao que ele, depois de limpar a garganta, cuspiu no resto do homem, não tendo podido, disse ele, encontrar um lugar mais sujo. [...]” (KRUEGER, 2007, p.249). Juliano conhecia história de Diógenes soltando flatulências em público, e Laércio afirmava que Diógenes escreveu uma obra chamada *Pordalos*, cujo título é certamente derivado da palavra grega *pordé* (*flato*). Epicteto lamentou que os cínicos de segunda classe de sua época não imitassem seus mestres em nada além de peidar. Flatos também aparecem numa história contada sobre o sucessor de Diógenes, Cratis, que converteu Metrocles, o irmão de Herparquia, ao cinismo depois de comer favas e soltar gases. As favas eram um legume famoso, por produzir gases com a equivalência cultural de nosso feijão cozido. Parece que Diógenes e seus seguidores comiam favas religiosamente, em especial em discursos públicos, onde criavam uma distração visual e, um pouco depois, podiam também oferecer ao público uma distração auditiva e olfegante. (Idem, 2007a, p. 250).

Aqui está o protesto do corpo de forma lúcida ao impedimento moral estabelecido pela compulsoriedade por meio de um complexo de regras etiquetistas que limitava-o no campo mais vital – as forças orgânico-fisiológicas. Para Diógenes, as normas impostas ao corpo, a partir de um discurso pautado numa ideia de que a civilização consistia no controle das pulsações fisiológicas e, por conseguinte, do próprio corpo, invertia a própria natureza, era um ataque desproporcional à vida; sobretudo, era a negação do corpo e sua natureza. De modo que o cínico não se deixava levar em hipótese alguma por essa mentalidade, ao contrário, ele escarnecia, zombava, já que ele a via como verdadeiro apresamento do corpo, onde as pulsações eram apresadas, enxotadas como um mal que precisava a todo tempo ser contido. Ante a tudo, o corpo cínico e sua mobilidade constituíam-se numa pujante crítica a ordem social, ao comportamento efetivamente normatizante. A normalidade que o mundo conheceu e conhece até agora foi sempre às conclusões ilusórias, que não é de se espantar, seu empuxo, para melhor dizer, teve sua origem nos discursos oficiais cuja objetivação se solidificou a partir do momento em que a obediência foi estrategicamente inculcada e conservada pela humanidade, se “naturalizando” como se ela fosse parte ossificada, foi tão cultivada ao longo da história humana que o seu culto, já que tornou-se o grande ídolo, não somente está por toda parte, como domesticou o homem, consolidando por assim dizer a vontade de poder daqueles que pela obediência passaram a ser chamados de senhores. Mas é verdade que até mesmo

os chamados senhores tiveram que cultivá-la, cultuá-la para manter o seu poder sobre os “despoderados”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O treino incessante da vontade de obedecer e dominar, tão marcadamente presente no instinto humano, essa força orgânica inerente ao homem que o leva às guerras cruentas, às conquistas, à dominação, exploração, espoliação, mas, também a uma obediência de não pouca superfluidade, enfim, esse sentimento de submissão à vontade de alguém apreendido ao longo da história e que agora faz parte do próprio corpo fisiologicamente dito, se choca no corpo não sujeito e invertido que perambula – o corpo cínico -, de modo que a obediência é a regra imposta pela vontade das castas nobres; para o cínico, ela não significava nada, e por isso, deveria ser infringida; mas às vontades do corpo, às pulsações, caracterizadas por atividades fisiológicas, gastrointestinais, ou seja, o corpo com seus orifícios por onde entravam, e saiam fluidos era livre das convencionalidades sociais. Assim, o cínico, o mendigo, era um corpo irônico, não-sujeito, invertido como crítica a uma sociedade idiotizada, assujeitada.

REFERÊNCIAS

CROSSAN, John Dominic. *O nascimento do cristianismo: o que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 2004.

DA SILVA, Wellington Amâncio. *Aspectos da existência situada em Heidegger*. Revista Logos & Existência: Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial, v. 3, n. 1, 2014a.

_____. *Foucault e indigência – as formas de silenciamento e invisibilização dos sujeitos*. Problemata - Revista Internacional de Filosofia, v. 6, n. 3, p. 111-128, 2015a.

_____. *The place of the city as an existential paradigm*. Journal of Sustainable Society, v. 4, n. 1, p. 1-4, 2015b.

_____; DA SILVA, José Londe. *Corpo invertido – A figura do indigente como discurso e como representação*. In. Revista Lampejo (Apoena - Grupo de Estudos em Schopenhauer e Nietzsche). no. 7 - semestre 1 – 2015c, pp. 114 – 127

DA SILVA, José Londe; DA SILVA, Wellington Amâncio. *A face especular da violência e da estética*. Conexão Política, v. 3, n. 1, p. 87-94, 2014b.

FOUCAULT, Michel. *A coragem da verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 38. ed. Petrópolis: Rio de Janeiro, 2010a.

Krueger, D. *The Life of Symeon the Fool and the Cynic Tradition*. In. *Journal of Early Christian Studies* 1.4, 2007.

MACK, Burton L. *O Evangelio Perdido: O Livro de Q e as origens cristãs*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.